

ESTUDANTES DA PUC-RIO E MORADORES DA ROCINHA: SOBRE JOVENS EM CRUZAMENTOS DE MOBILIDADES E IDENTIDADES TERRITORIAIS

Aluna: Gabriela Franco Duarte

Orientador: Leo Name

Introdução

Atualmente as chamadas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, ou simplesmente NTICs, vêm sendo cada vez mais incorporadas ao cotidiano, possibilitando a homens e mulheres estar em constante contato com outras pessoas e receber e transmitir informações de um lugar a outro. Diferentemente de outras tecnologias como o telefone ou o computador desktop pessoal, o contexto das redes de computador sem fio e dos objetos técnicos móveis (celulares, tablets, notebooks) não os/as restringem mais à condição de usuário/a fixo/a e em frente a um computador. Por isso, há quem diga que estaríamos diante de novo momento global e de um novo paradigma para as ciências sociais, o chamado Paradigma das Novas Mobilidades: uma forma de compreensão do mundo contemporâneo obtida através da percepção e análise de novas práticas socioespaciais que se construiriam permeadas por novas mobilidades e que não podem ser desvinculadas da sua constante interação com tecnologias informacionais. Autores como Elliot e Urry (2010) argumentam ser hoje inegável que tais tecnologias desempenham um papel relevante nas dinâmicas existentes, nas práticas e nas relações interpessoais.

Ao passo que pessoas, mercadorias, textos, imagens e sons estão crescentemente em movimento, tudo – absolutamente tudo! – é passível de se converter em objeto tecnicamente reproduzível, indo e vindo instantaneamente por toda parte. Práticas antes realizadas no meio físico da interação presencial podem se dar à distância e/ou online; e signos, antes materializados por técnicas como as de impressão, agora se realizam na interface técnica com meios eletrônicos (Netto, 2011). Vem-se construindo, portanto, vidas mais digitais e informacionais e a rede mundial de computadores não é mero meio de comunicação e informação, mas também aparato cotidiano pelo qual se manifestam sentimentos, afetos, lembranças, desejos, sonhos e ansiedades. Na cultura atual, o exercício de uma vida digital seria possível, então, através do que Elliot e Urry (*op. cit.*) nomeiam como *miniaturized mobilities* – os telefones celulares, notebooks, computadores, mensagens de texto (SMS), e-mail, conexões wireless – que proporcionariam uma cada vez mais avançada mobilidade virtual, pelo dito ciberespaço.

Porém no Brasil, se já são muitos os que possuem telefone celular, são poucos os que têm especificamente os ainda muito caros smartphones que convergem as novas tecnologias disponíveis. Dados do Plano Nacional Para a Banda Larga (Souto *et al.*, 2011), por sua vez, apontam que os serviços de internet hoje disponibilizados pelo mercado suprem apenas a demanda das classes A e B: os demais extratos sociais, se não sacrificam parte significativa do orçamento familiar, tendem a optar por serviços clandestinos, rateiam-no entre amigos, ou, quando possível, utilizam *lan houses* ou equipamentos de seus locais de estudo ou trabalho.

Objetivo

Tem-se como objetivo de pesquisa averiguar o quanto são perceptíveis e passíveis de investigação geográfica estas ditas novas mobilidades, as novas práticas espaciais e as novas vidas digitais no nosso país. Argumentamos que a questão das mobilidades, no

contexto urbano brasileiro, e particularmente no Rio de Janeiro, deve ser pensada à luz das “imobilidades” que resultam do imenso legado de iniquidades urbanas, sociais, culturais e econômicas e das trajetórias de vida e identidades, inclusive territoriais, que se constroem a partir dessas condições.

Para isso, pretendemos relacionar o conceito de *miniturized mobilities* com as “tecnologias do eu” de Foucault (1996) e discorrer sobre as possíveis mudanças ocorrentes na dinâmica socioespacial, virtual e afetiva de jovens universitários/as moradores da Rocinha após sua entrada na PUC-Rio. Se por um lado, estes/as jovens vivenciam, como tantos/as outros/as jovens, a relevância da Internet em seu cotidiano e têm em maior ou menor grau o uso das diversas *miniaturized mobilities*, por outro o fato de morarem em um lugar identificado como favela e de baixa renda, faz com que, de certa forma, seu acesso à rede se dê de forma diferenciada de outros locais da cidade, tanto em aspectos objetivos quanto subjetivos. Acrescenta-se a isso o fato de estudarem em uma universidade cujo acesso, via mobilidade física, é facilitado devido à proximidade com o local de moradia; e que na PUC, passa-se a travar contato, muitas vezes a partir de relações igualitárias, com estudantes e demais pessoas de maior nível econômico que, pode-se afirmar, possuem trajetórias de vida e vivências de juventude totalmente diferentes. Deparamo-nos, então, com dois tipos de cruzamento: de uma lado, um cruzamento de mobilidades no qual se inter-relacionam a mobilidade física, no sentido de acessibilidade e proximidade – distância –; a possibilidade de mobilidade social – pelo acesso, normalmente inédito na sua família e num momento de crescimento econômico das camadas mais populares, ao ensino superior e o contato de igual para igual com elites; e, por fim, mobilidade virtual, possibilitada pela Internet e as demais NTICs. De outro, um cruzamento de identidades territoriais: morador da rocinha/favelado e estudante da PUC/universitário.

Metodologia

O trabalho estrutura-se a partir de revisão e crítica bibliográfica e por uma série de entrevistas de média duração e semiestruturadas feitas ao longo de 2011 e que visam a responder, dentre outras questões: quais os usos que estes/as jovens fazem das *miniaturized mobilities* em seu cotidiano e qual a relevância das redes sociais nos mais diversos usos possíveis, tanto em suas vidas acadêmicas quanto pessoais? Quais são as condições e a qualidade deste acesso? O predomínio de relações com pessoas que passam a fazer parte do dia-a-dia pode deteriorar as relações pretéritas estabelecidas na Rocinha? Esta situação de uma conjugação intrincada de mobilidades seria capaz de causar modificações na forma como tais jovens se comunicam nas redes – como se autoafirmam – e nos novos vínculos afetivos que se formam ou se desfazem em suas vidas? Quais são os ganhos e perdas emocionais? Como a Rocinha e a PUC-Rio se constroem como lugares específicos no imaginário e na construção identitária destes/as jovens como estudantes da PUC-Rio e moradores da Rocinha?

Referências

- 1 – ELLIOT, A e URRY, J. **Mobile lives**. London: Routledge, 2010.
- 2 - FOUCAULT, M. **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica, (1981) 1996.
- 3 - NETTO, V.M. Entre espaços urbanos e digitais, ou o desdobramento da prática. **urbe: Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 3, n. 1, p. 11-26, jan./jul. 2011.
- 4 - SOUTO, A.A; CAVALCANTI, D.B; MARTINS, R.P. **O Brasil em alta velocidade**. Um Plano Nacional para Banda Larga. Brasília: Ministério das Comunicações, 2011.